

A ética em Paul Ricoeur: o enlace hermenêutico entre ipseidade, convicção e sabedoria prática

Bruno Fleck da Silva¹

Resumo

O tema da ética na filosofia de Paul Ricoeur perpassa elementos constitutivos da originalidade de seu pensamento que reúne as dimensões do narrar e do agir em perspectiva fenomenológica e hermenêutica. O tema da ipseidade lança o olhar sobre o solo da constituição da identidade que é depende das capacidades, sobretudo, de narrar e agir ou agir e narrar. Do núcleo da ipseidade se revela uma posição fenomenológica respondente às solicitações conflitantes do mundo, onde o agir exige o cálculo *phronético* do íntimo do próprio sujeito, da concretude das situações e do recurso à moral. A sabedoria prática é, portanto, um modo de afirmação do si-mesmo em convicção.

Palavras-chave: Fenomenologia; Ética; Ipseidade; Sabedoria Prática; Convicção

Ethics in Paul Ricoeur: the hermeneutic link between ipseity, conviction and practical wisdom

Abstract

The theme of ethics in Paul Ricoeur's philosophy permeates elements constitutive of the originality of his thought that brings together the dimensions of narrating and acting in a phenomenological and hermeneutic perspective. The theme of ipseity looks at the basis of the constitution of identity, which depends on the capabilities, above all, of narrating and acting or acting and narrating. From the core of ipseity, a phenomenological position is revealed that responds to the conflicting requests of the world, where acting requires the phronetic calculation of the subject's own depths, the concreteness of situations and the recourse to morality. Practical wisdom is, therefore, a way of affirming oneself in conviction.

Keywords: Phenomenology; Ethics; Ipseity; Practical Wisdom; Conviction

¹ Doutor em Filosofia pela UFSM. Professor Adjunto da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). É coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Antonio Meneghetti Faculdade, CEPESH-AMF.E-mail: bruno.fleck@hotmail.com

Introdução

O pensamento filosófico de Paul Ricoeur (1913-2005) desponta entre os mais vigorantes no que se refere ao diálogo com inúmeras correntes filosóficas resultando assim num posicionamento original, o que faz com que o filósofo esteja entre os principais expoentes da filosofia da segunda metade do século XX. É com vistas a apresentar tal originalidade que o presente estudo destina-se ao exame dos elementos basilares de sua filosofia que foram fundamentais para a constituição de sua filosofia ética.

Herdeiro da tradição fenomenológica, Ricoeur partiu da redução eidética como método para a investigação de problemáticas inerentes ao agir humano, como exemplifica sua Fenomenologia da Vontade. Logo após a influência de Edmund Husserl que a nosso ver permanece em toda a sua filosofia², Ricoeur é fortemente influenciado pelo contributo da linguagem à filosofia, de onde irá originar o enxerto hermenêutico sobre a fenomenologia.

A partir do enlace entre fenomenologia e hermenêutica é que o filósofo percebe que o texto poderá ser fonte de compreensão na fenomenologia da ação tendo como núcleo a narratividade. Paul Ricoeur, a partir desse enlace decisivo abrirá com originalidade um caminho de compreensão da causalidade das problemáticas éticas e mais propriamente, da constituição essencial da motivação para a ação.

É em *O Si-mesmo como um outro (1991)* que a amplitude de seu pensamento ético alcança plena maturidade, trazendo à reflexão ética um esquema que abre-se em tríplice esfera: o sujeito, o outro e os outros, isto é, a pequena ética. Os temas da: *ipseidade*, da *convicção* e da *sabedoria prática* são aqueles que segundo o exame progressivo dos textos do filósofo francês marcam a originalidade de seu pensamento ético. Os três conceitos aparecem entrelaçados na referida obra, fazendo assim com que o fundo antropológico baseada na figura do homem capaz e hermenêutica, baseado na identidade narrativa, possam ocasionar uma reflexão propriamente autêntica.

Assim, o presente estudo visa perpassar o caminho de mais de quarenta anos que levou à consolidação processual da ética de Paul Ricoeur, partindo da hipótese de que de todas as teorias que serviram ao filósofo francês, nenhuma foi por ele dispensada, mas

² Acerca da permanência de uma herança fenomenológica em todo o desdobrando da filosofia ricoeuriana e mais especificamente sobre ética, sugerimos o estudo: SILVA, Bruno Fleck. (2023) *A ética de Paul Ricoeur: prolongamento hermenêutico do legado husserliano*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Santa Maria. 2023.

originalmente costuradas tendendo assim à formalização de um filosofia que é contributo efetivo aos impasses éticos e às reflexões que buscam orientação epistemológica na fenomenologia, na hermenêutica e também na psicanálise.

1. A ética como elemento propulsor da filosofia ricoeuriana

A filosofia de Paul Ricoeur marca com precisa originalidade aquilo que pode ser exemplo da junção das tendências filosóficas do século XX. Formado em Letras e consagrado professor de Filosofia, Paul Ricoeur conseguiu ler com muita facilidade as estruturas das doutrinas filosóficas despontadas no seu tempo apontando, seus limites e alcances e sobremaneira seus enlaces. Três momentos significativos marcam sua obra: o apelo fenomenológico advindo de Edmund Husserl e seus seguidores; o recurso à hermenêutica como método e uma ética de fundo antropológico que perpassa toda a sua obra.

Inicialmente, dirá o filósofo que sua intenção é a de «marcar o primado da mediação reflexiva sobre a posição imediata do sujeito tal como ela se exprime na primeira pessoa do singular: “eu penso”, “eu sou” (Ricoeur, 1991, p. 11). Ou seja, para o filósofo esta retirada da posição imediata do eu, que inclui uma renovação filosófica tanto epistemológica, como ontológica, prevê que não se considere o *eu*, mas o *si* no seu modo infinitivo a ser tomado, portanto, como pronome reflexivo.

A não imediatez do eu e a abertura à noção de si considerada que a posição autorreferencial do sujeito humano é reflexiva. Reflexivo aqui assume o significado de não imediato e absoluto, mas constitutivo de experiência. Assim, para o filósofo, dois modos possibilitam pensar o si-mesmo, uma onde reconhecemos aquilo que sempre somos e outra que constituímos como a nós mesmos pela abertura no tempo isto é, pela linguagem, pela ação e pela significação. Essa constituição que não é linear e imediata assume um caráter daquilo que Ricoeur chama de *desvio*.

Dois dimensões da posição da identidade no tempo são colocadas como constitutivas do que será chamado então de *identidade narrativa*. De um lado há a *mesmidade*, a dimensão *idem*, que se refere ao substrato ôntico do sujeito, isto é, aquilo que não muda, permanece o mesmo em posição de univocidade. Do outro, há a *ipseidade*, que por sua vez corresponde à dimensão *ipse*, isto é, aquilo que não é fixo, mas que se acrescenta à dimensão *idem*. A ipseidade acrescenta o diverso à identidade num diálogo constitutivo. Para Ricoeur, recorda Nascimento(2009), a ipseidade é a dimensão da identidade pela qual a alteridade, a posição

do outro, constituem o sujeito. Num primeiro momento esta alteridade significa diferença, isto é, tudo aquilo que é diverso do sujeito e que possa vir a lhe constituir incluso, sobremaneira os outros sujeitos, mas também as expressões da cultura, a literatura, o mundo do símbolo e a involuntariedade radical da vida, nas suas expressões como os temas do corpo e do inconsciente.

Mas em que consiste propriamente esta identidade narrativa e porque é dita narrativa? Em *Tempo e Narrativa* o filósofo afirmou que a constituição do si mesmo, estabelecida neste diálogo entre *mesmidade* e *ipseidade*, acontece numa temporalidade própria que a encontramos na literatura, por exemplo. Isto é, de uma lado estão as narrativas históricas que nos apresentam os fatos, e aí a dimensão da mesmidade marcaria presença; e por outro lado, as narrativas de ficção, dando vez a dimensão da ipseidade, que como veremos logo mais é marcada pela ação. Assim, a dimensão temporal da vida é essencialmente narrativa.

Assim, para o filósofo: Tal desvio pela mediação narrativa há de revelar não apenas útil, mas também necessário, se tivermos dispostos a nos deter um momento nas dificuldades. e até nas aporias, ligadas a uma reflexão que não se pretende imediata sobre o que acabamos chamar de história de uma vida (Ricoeur, 2016, p.267).

Assim, a narratividade situa um modo de posição da identidade, que é reflexiva e constituída pelo movimento ou imutabilidade da noção pessoal, onde a identidade da história narrada dá a identidade do personagem e aqui do próprio si.

À dimensão da mesmidade pertence o *caráter*, reconhecido como um traço que não muda na pessoa. O caráter é pensado a partir da perspectiva da *promessa*, pois prometer significa recusar-se a mudar, assim como, cumprir o quanto prometido. Mas a promessa é feita não para si mesmo, mas sempre para um outro, pois é diante da promessa, da palavra firmada ao outro que o sujeito evidencia a sua permanência em identidade, disso resulta a *ipseidade* e evidencia, portanto, que do núcleo mesmo da personalidade ou identidade presente na mesmidade já se desdobra algo que trará mutabilidade, a própria promessa.

A ipseidade, enquanto uma das dimensões constitutivas da identidade representa, portanto, o aspecto da identidade que se constrói na via não-imediata da consciência do eu, mas na via-longa da consciência do si a partir da presença do outro. Com isto, infere-se que o fundamento da problemática ética em Ricoeur é uma abordagem ontológica original do autor e que tem por fundamento o recurso da linguagem narrativa como desvio e, sendo dado no

tempo e na ação da consciência movente do si a si-mesmo enlaça fenomenologia, hermenêutica e ética.

Da relação entre identidade *idem* e identidade *ipse* revela-se o sujeito que se constitui enquanto ser de ação na e pela alteridade, isto é, trata-se de considerar justamente o que está explícito no próprio título *o si-mesmo como um outro*, que deu nome ao título de sua *opus magnum*.

Num movimento que vai do próximo ao distante, a alteridade é considerada sob as perspectivas tanto ética como hermenêutica, mas o fundo intencional está presente na constituição da ipseidade e isso interessa sobremaneira a uma perspectiva fenomenológica da ética. Do quanto exposto temos a estrutura geral da identidade pessoal, que por sua vez, completa-se com a identidade narrativa. Muitas foram as influências de Ricoeur para esta direção, mas entre elas, destaca-se sobremaneira a *filosofia reflexiva* de expressão francesa.

A *Filosofia Reflexiva* é o movimento filosófico francês, pós-kantiano que tem sua maior expressão na figura de Jean Nabert (1881-1960), que por sua vez, marcou profundamente Ricoeur (2008), como ele próprio atestou. A filosofia reflexiva afirma que a constituição do sujeito se dá na própria reflexividade.

Jean Nabert é um pensador francês pouco conhecido. Dentre as temáticas que terão consequência na hermenêutica ricoeuriana, está a própria noção de *reflexão*, como fora afirmado e também a de *afirmação originária*. Nabert (1962) publicou sua tese em 1923, intitulada *L'expérience intérieure de la liberté*, que traz uma posição madura de seu pensamento em *Éléments pour une Éthique* de 1943. Para Nabert, o sujeito se constitui pela compreensão de suas ações, que por sua vez, são notadas por um modo de reflexão.

Em Ricoeur, a afirmação originária é dada pela via longa da hermenêutica do si. Como ressalta Meirelles (2015), a concretude da *existência* é o solo específico da afirmação originária, tornando-se visível já com o tema da *finitude*. A finitude é o que primeiro resulta da encarnação experienciada como *corpo*, o que se caracteriza como negação da transcendência. Vale lembrar que a função hermenêutica da finitude está associada ao segundo tomo de *Filosofia da Vontade: Finitude e Culpabilidade*³, estando assim entre os primeiros resultados da investigação filosófica do autor. Nesta análise a hermenêutica

³ RICOEUR.. 2. Finitude et culpabilité. Livre I: L'homme faillible. In. *Philosophie de la volonté*. Paris: Paris: Aubier, 1950.

ricoeuriana é conduzida sob o solo de uma fenomenologia da memória que se abre nos temas da *falibilidade* e do *mal*.

O tema da vontade desponta assim extremamente significativo em seu núcleo fenomenológico-hermenêutico. Com as temáticas do mal e da falibilidade se anuncia para Ricoeur também a impossibilidade voluntária do sujeito humano realizar o próprio projeto, dizendo assim que se revela uma *ontologia da desproporção* (2011, p. 17).

Para além da função da linguagem através da hermenêutica, a fenomenologia de Husserl e o existencial de Marcel, dois importantes influenciadores de Ricoeur, eram influências, mas apresentaram-se, portanto, como respostas limitadas. A mediação simbólica do mito e das representações culturais é o que poderia ser uma alternativa epistemológica para o filósofo e isto deu origem à *A simbólica do mal* (2013). Portanto, a desproporção ontológica do homem é filosoficamente pensada não por uma análise fenomenológica, que mostra-se limitada, mas pelo recurso à cultura e ao mito, onde a confissão do erro e do mal ganham expressões satisfatórias de um ponto de vista da compreensão. Assim, destaca o filósofo que: «é nessa investigação limitada à simbólica do mal ligada a uma definição geral do símbolo que acontece a primeira abordagem do problema hermenêutico»⁴ e tal abordagem se solidifica a partir da constatação de que onde há símbolo, há hermenêutica.

Deve-se considerar que para além deste primeiro interesse, a linguagem onírica com Freud e Jung e depois a imagem poética de Gaston Bachelard são temas que interessaram o autor. Assim, se o símbolo a partir do problema do mal é pensado a partir do duplo sentido do mito, isto é, de uma *hermenêutica amplificadora*, com o *Da Interpretação: ensaio sobre Freud* (1977) tem vez uma *interpretação redutora*, com o contributo da psicanálise, que estabeleceu o conflito de interpretações. Esta redução, operada por uma interpretação freudiana, escava o mito, permitindo de uma arqueologia do cógito, que Ricoeur então chamará de hermenêutica da *suspeita*⁵.

Considerando o problema do inconsciente lançado por Freud, que aparece então como outro tema que vem a constituir a via-longa da hermenêutica do si, Paul Ricoeur em *Da Interpretação: ensaio sobre Freud* (1977) questionou-se sob que epistemologia poderia fundar esta perspectiva. Percebeu assim que a Fenomenologia é uma possibilidade de

⁴ *Idem*, p. 13.

⁵ Para Paul Ricoeur, quatro autores marcam a suspeita: Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud. Os últimos três, sobretudo, foram denominados pelo autor de «mestres da suspeita», expressão lançada em *Da Interpretação: ensaio sobre Freud* e que ganhou fama.

justificação epistemológica para a psicanálise no Livro III da referida obra, intitulado: *Epistemologia: entre psicologia e fenomenologia* (Ricoeur, 1977, pp.285-342). Para o autor, a fenomenologia eidética não se fundamenta sob o solo da consciência, no sentido de um «eu penso», ou «eu sou imediato», mas sim, sob a ideia de *redução* e *suspensão* desta categoria de consciência.

Outro marco no pensamento ricoeuriano, após o exame da hermenêutica redutora expressa numa filosofia da suspeita, é a influência recebida da *virada linguística*. Para Ricoeur, a compreensão de si parecia ter alguma conexão com o sistema de signos pensado pelo estruturalismo, que na leitura do filósofo, foi considerado, pois na sua visão de hermenêutica do si há uma dialética entre compreender e explicar, portanto, entre uma visão mais próxima do sujeito e outra do sistema de signos: a interpretação consiste precisamente na alternância de fases de compreensão com fases de explicação, ao longo de um único arco hermenêutico.

A ideia de arco hermenêutico pressupõe que a mediação entre compreensão/explicação toma como objetos o *texto*, a *ação* e a *história*. Ou seja, nessas três esferas, que passam da vida enquanto tempo e narrativa ao texto, tanto as perspectivas da compreensão, como da explicação são válidas, parece ser esta a herança recebida da semiótica, distanciando-se de outras expressões hermenêuticas, como a de Martin Heidegger. Passa a interessar a Ricoeur aquilo que será a passagem do mundo do texto, que é o conteúdo que faz referência, no diálogo, tanto a quem diz, quanto a quem escuta, para o «texto», quando então não há mais este conteúdo comum ao mundo do que diz e do que escuta e sim, existem agora autor e leitor, numa dialética em que o texto pressupõe, por si só, sua autonomia semântica.

O que Paul Ricoeur percebe a partir do texto é a sua capacidade como linguagem que expressa sobretudo a realidade humana, isto é, a relação entre signo e coisa. Nesse sentido, afirma: “O signo está antes de tudo no sujeito do mundo” (Ricoeur, 2013, p. 31). As bases para isso são profundas, como na *Poética* de Aristóteles onde a mimese é a refiguração do texto na própria ação, na práxis humana através do mito e da narrativa:

A linguagem narrativa, portanto, não se fechou em si mesma, pois se refere à ação dos homens segundo uma relação sem equivalentes – a mimese –, que não é uma mera imitação, no sentido de uma cópia, uma réplica, uma duplicação, mas uma reorganização num nível mais elevado de significância e de eficiência (Ricoeur, 2013, p. 33).

Assim, do mundo do texto e sua função de configuração (narrativa) e refiguração (práxis) de sentido, Ricoeur adentra ao mundo da ação, ou seja, trata-se, de com o recurso da hermenêutica, considerar a semântica da ação sempre associada à semântica do agente.

Paul Ricoeur considerou, em sua passagem pela filosofia analítica, que a semântica da ação se limita a designar a ação da qual se fala, porém, não sendo suficiente para referir-se ao agente enquanto capaz de auto-designar-se dentro da própria ação. O que o filósofo considera, antes de tudo, interessante ao mundo da semântica, é a rede, o esquema conceitual do discurso sobre a ação. Para Ricoeur, este esquema revela não somente aspectos da linguagem na ação, mas sim o transcendental que está inserido no discurso sobre a ação.

Diante desta rede esquemática que se refere a ação, que tenta responder a questão o *que*, o sujeito não está de todo dissociado. Nesse sentido, infere o filósofo que: “[...] o *quem* da ação – o agente – permanece tributário da questão o *que*, incidindo sobre a própria ação como uma espécie de acontecimento do mundo” (Ricoeur, 2011, p. 39). Adentrando a esta perspectiva da teoria da ação, Paul Ricoeur primeiro analisa a *semântica da ação sem agente*, o que aparece detalhadamente em *O Si-mesmo como um outro (1991)*.

A semântica da ação sem agente dá a passagem da pergunta pela ação, *o quê?*, para a pergunta pela intenção ou motivação desta ação, *por quê?*. Diante do fato, do acontecido ou do que deve acontecer, a semântica da ação adentra a esfera do desejo, da ordem daquilo que motivou ou motiva a ação. Assim, o enlace fenomenológico-hermenêutico recoloca a ação ao seu ponto fundador, que é o agente.

Para Ricoeur, o desejo acontece sempre como modo de sentido, que pode ser de duas ordens: o sentido enquanto *motivação intencional* e o sentido enquanto *força*, direção. Este sentido apresenta-se como causa, sem necessariamente apontar a causa sob a conexão causa-efeito em sentido lógico, mas podendo ser também, nos modos de causa de desejo, não querido, mas desejo, se poderia considerar, sofrido. Aqui Ricoeur aponta para o sentido grego de paixão, como modo de passividade. Assim, o filósofo faz uso de uma fenomenologia do desejo, para ultrapassar o limite de uma hermenêutica de cunho mais analítico.

O desejo-passional implica responder que a ação é feita a partir de uma causalidade que pode apresentar-se, passionalmente, portanto, como impulso-incidente; tendência e involuntário. Assim, há um fundo nessas três perspectivas: é quando o sujeito é levado a fazer, quando algo leva a agir de tal modo e quando algo fez com que agisse assim inesperadamente. Tal análise, levou Paul Ricoeur a inferir que é necessário falar então muito

mais de *motivo* do que de *causa*: “Contudo, intenções e motivos consideram também o lado do agente da ação, na medida em que eles são os seus. Aqui aparece uma noção de pertencimento que obriga a passar da ação ao seu agente” (Ricoeur, 2011, p. 43).

Assim, se tomada a soma da questão do *que?* e a questão *por que?* da ação, as respostas são insuficientes se a pergunta é feita pela causa, sendo necessário perguntar pela motivação da ação. A partir da *motivação* é que a pergunta *quem?* faz necessária, quase que como síntese das duas primeiras. Para responder ao *quem?* a ética deverá ser solicitada.

Na resposta à pergunta pelo *quem* na teoria da ação, Paul Ricoeur faz uso da noção de *ascrição* de Peter Frederick Strawson⁶. Trata-se de considerar um «transcendental» que na linguagem reúne todos os termos de rede conceitual da ação sobre o indivíduo. Isto está associado à noção de pessoa, que assume na filosofia ricoeuriana, sobremaneira, a função de ação, de ser capaz de ação, de capacidade. De fato, considerando a estrutura hermenêutica da identidade narrativa, o solo *idem*, isto é, a *mesmidade*, um dos fundamentos da noção de pessoa, desemboca no tema da *promessa*. Logo, ser, é ser capaz de agir.

Na relação entre pessoa e promessa, a atribuição, ontológica de *ser* um *agente* é fundamental. É daqui que decorre também em *O Si-mesmo como um outro* (1991) a noção de caráter. O caráter, que está sedimentado na mesmidade, tem como decorrência a promessa. A promessa, uma vez mais afirmamos, é a capacidade de manter-se no tempo, onde o registro ontológico do si é sustento de si-mesmo na ação prometida. Responde à promessa a capacidade de agir (com e para os outros em instituições justas), isto é dado pela dimensão *ipse*, pela *ipseidade*, nesta costura entre ser, prometer, agir e cumprir.

Naturalmente que sobre o conceito de *ascrição* poderia ser usado analogamente, e sem empréstimo a Strawson o de *imputabilidade*. De fato, é o próprio autor quem diz, em *O Si-mesmo como um outro* (1991), que a imputabilidade, diremos, é a ascrição da ação a seu agente, sob a condição dos predicados éticos e morais que qualificam a ação como boa, justa, conforme ao dever, feita por dever, e finalmente, como a mais sábia no caso de situações conflituais. Entretanto, o próprio Ricoeur reconhece que a noção de imputabilidade foi demasiadamente tomada pelo seu sentido normativo, culpando o Direito por tal empreitada⁷.

⁶ Cf. STRAWSON. *Individuos - Ensaio de Metafísica descritiva*. Madrid: Taurus Humanidades, 1989.

⁷ Acerca da noção de imputabilidade em Ricoeur, por vezes o conceito está associado também ao de responsabilidade. Em ambas as formas, o seu uso, para além da esfera da obrigação e do plano jurídico deve ater-se ao horizonte de uma compreensão do como *capacidade* em sentido ético-fenomenológico, isto é, viés mais amplo do que o seu uso restrito ao plano moral. O modo como Paul Ricoeur o considera nos desdobramentos de sua filosofia, implica no ultrapasse de um enfoque excessivo na reparação para um sentido de precaução a efetiva-se como virtude específica da sabedoria prática (Cf. SILVA. «Pensar a

A ascrição analisa as motivações da ação, devolvendo-a sempre a um *quem*, este é o motivo pelo qual Ricoeur insiste nesta reapropriação. Em sentido aristotélico este *quem* deliberou e preferiu ao agir em situação. A ascrição será assim um dos solos antropológicos da sabedoria prática. Ricoeur afirma: “A imputabilidade, diremos, é a ascrição da ação a seu agente, sob a condição dos predicados éticos e morais que qualificam a ação como boa, justa, conforme ao dever, feita por dever, e finalmente, como a mais sábia no caso de situações conflituais” (Ricoeur, 1991, p. 340).

Ainda mais, a problemática da ação, para ser pensada a nível de maior profundidade, pode ainda levantar questões como, a influência dos eventos externos ao indivíduo e do grupo social, como modos de presença causal na ação e que estariam vinculados ao sujeito. Entretanto, Paul Ricoeur recorre à posição causal do sujeito, uma vez que a ação é um componente da identidade. Assim, se faz necessário passar de uma semântica da ação, para uma *fenomenologia do eu posso* que desemboque numa *ontologia do sujeito atuante*. Essas duas denominações são, a nosso ver, pontos sintéticos de sua argumentação em *O Si-mesmo como um outro* (1991).

Por fim, a teoria da ação ricoeuriana, voltada ao sujeito em ação, seja pela sua constituição ontológica, através do agir como categoria da ipseidade, seja através de uma fenomenologia do eu posso, desemboca em dois modos, conciliares e não antagônicos da ação ética: a dimensão teleológica de uma ética as virtudes e a dimensão deontológica de uma moral do dever. Tais dimensões, a ética e a moral, são etapas diversas de um mesmo percurso que permite responder a como o si age em âmbito ético e, de modo geral, responder o que é a ética para Ricoeur. Nesse sentido, o presente estudo buscará sintetizar as etapas dando ênfase ao ponto fulcral que sustenta sua complementaridade⁸: a sabedoria prática.

Por fim, o que a ética acrescenta à identidade narrativa é o que o filósofo denominou de «manutenção de si», ou seja, a capacidade de responder ao outro ao que ele solicita ao si. À mesmidade pertence o *caráter*, à ipseidade a *manutenção* do si, na relação de alteridade em resposta ética. À ideia de manutenção de si está implícito o modo de temporalidade da ipseidade, que diferente da mesmidade, aponta para o não perpetuamento do caráter, isto é,

responsabilidade em Paul Ricoeur: para além da obrigação, uma capacidade». *FRONTISTÉS: Revista de Filosofia e Teologia*. 25:14 (2020) 1-18).

⁸ Atribui-se a Paul Ricoeur a capacidade de sintetizar, confrontar e jogar com teorias, autores e áreas diversas da filosofia e áreas afins. De fato, o próprio filósofo atesta que no largo horizonte do seu pensamento manifesta-se uma: «preocupação dominante: integrar antagonismos legítimos e fazê-los trabalhar por sua própria superação» (Cf. RICOEUR. *O si-mesmo com um outro*. Lucy Moreira Cesar (trad.). Campinas: Papyrus, 1991, p. 18.).

para o movimento advindo da manutenção, da necessidade responder à promessa. Por fim, trata-se de compreender que: “A identidade narrativa mantém juntas as duas pontas da cadeia: a permanência no tempo do caráter e a da manutenção de si” (Ricoeur, 1991, p. 196). O movimento essencial do acréscimo da ética à teoria da ação e à identidade narrativa será dado no enlace da ética e da moral. Nesse sentido, é necessário precisar este percurso.

2. Visada ética e Perspectiva Moral

A ética ricoeuriana nasce do núcleo de sua filosofia que é a hermenêutica, o ponto central de onde deriva a ética é a ipseidade, enquanto abertura, constituição de significado e afirmação ôntica por via do acesso ao outro e ao mundo em suas situações diversas. Este si, a partir de sua ipseidade e em possibilidade de ação desdobra-se em capacidades, isto é, uma fenomenologia do sujeito agente desemboca numa ética da atestação, onde agir é ser capaz de: dizer; fazer; narrar e ao narrar a própria ação reconhecer imputável, responsável. A dimensão do agir em Ricoeur é marcada pelo seu significado grego, de práxis, o que revela que toda ação é de natureza complexa.

Os desdobramentos da filosofia fenomenológica-hermenêutica da ação são encontrados na estruturação da denominada *petite éthique* de Paul Ricoeur, desenvolvida inicialmente em *O Si-mesmo como um outro* (1991) e posteriormente reorganizada em *O Justo II* (2008). No plano da ação, a efetivação da ética se dá no diálogo do fundo referencial do sujeito e sua tradição ético cultural, isto é, a perspectiva teleológica, mas efetivada e tornada possível graças à obrigação moral, portanto, àquilo que deriva de uma moral deontológica, este entrelaçamento que obriga a ética a passar pela moral e à moral retornar à ética é caracterizado pela tensão entre o universal e o contextual a partir de perspectivas variadas instaurando assim o conflito, do núcleo do próprio conflito, as das tradições são tensionadas mediante o exercício da sabedoria prática, ação própria da ipseidade e da vontade pensadas num plano resolutivo voltado às situações concretas, isto é, ao solo ético dos problemas.

O si está situado, no plano da ação, entre visada ética e perspectiva moral. Esses dois pólos, correspondem respectivamente aos predicados *bom* e *obrigatório* conforme o filósofo atesta em seu texto mais famoso, *O Si-mesmo como um outro* (1991). A partir dos dois predicados o si age numa tríplice esfera que perpassa o si, o outro e os outros ou as instituições, compondo assim a pequena ética desenvolvida em *O Si mesmo como um outro*:

“Viver a vida boa, com a para os outros em instituições justas” (Ricoeur, 1991, p. 202). Em *O Si-mesmo como um outro (1991)*, o percurso analítico deu-se no tríplice elenco: a Ética teleológica deve passar pelo crivo da Moral deontológica; que instaura o conflito (trágico) e recorre à *Sabedoria Prática* que volta-se às três instâncias da pequena ética: o si; o outro; as instituições. Uma década depois a estrutura é reorganizada em *O Justo II (2008)*, no texto *Da moral à ética e às éticas*: o percurso analítico parte da Moral deontológica; que exige um retorno à Ética teleológica (chamada de ética anterior) e se constitui como Sabedoria Prática (chamada de ética posterior ou éticas posteriores). O ponto fixo da moral, uma vez tendo feito sua convergência ao plano de uma ética anterior, agora completa o seu percurso estrutural na sabedoria prática. Nas palavras do autor: “[...] o único meio de dar visibilidade e legibilidade ao fundo primordial da ética é projetá-lo no plano pós-moral das éticas aplicadas. A essa empreitada dei o nome de sabedoria prática em *Soi-même comme un autre*” (Ricoeur, 2008, p. 57).

3. Sabedoria prática: ipseidade e convicção

O nono estudo de *O Si-mesmo como um outro (1991)* é intitulado: *O Si e a sabedoria prática: a convicção*. Justamente, o plano da convicção no quadro da identidade narrativa é que permite situar o quanto o tema da sabedoria prática sintetiza, ou então, organiza, a ética fenomenológico-hermenêutica do autor. A sabedoria prática consiste na segunda posição que o si, a partir do ponto fixo da moral desenvolve. Repetir isso é insistir na posição estrutural de complementaridade da moral que se estende ao plano de uma ética fundamental. De fato, já no texto dos anos noventa, Ricoeur alertou, afirmando que a sabedoria prática não é algo que se acrescenta à perspectiva ética e ao plano moral, ao estilo da *Sittlichkeit* de Friedrich Hegel, mas sim, a mesma dimensão moral que avança num percurso fundamental da ética e expressa como sabedoria prática. Assim, podemos imaginar a moral como um “eixo” central, que de um lado “gira” para o fundamental da ética, dele apropria-se e então, «gira» para o outro lado, constituindo-se, já entrando moral que estendeu a ética, a uma “ética posterior”, a uma sabedoria prática.

Se o ponto fixo da moral evidencia conflitos diversos, a base comum a estes conflitos é o respeito à norma que por sua vez, pode estar dissociado do respeito às pessoas. Nesse sentido, o respeito destinado às pessoas fará com que a regra moral se transforme numa regra escolhida, particularizada ou então, poderíamos chamar, regionalizada. A regionalização

específica da sabedoria prática é suscitada pela diversidade de conflitos. Para o filósofo: “Se há pluralidade das éticas regionais, é porque a vida cotidiana, antes de qualquer organização das práticas e de qualquer instituição determinada, propõe uma pluralidade de situações empíricas às quais essas práticas e essas instituições correspondem, principalmente o sofrimento e o conflito” (Ricoeur, 2008, p. 36).

Assim, a sabedoria prática consiste na efetivação do justo mediante o exercício de práticas éticas que estejam voltadas às situações específicas que suscitam a esfera do conflito. A consciência ética, em sentido fenomenológico, é necessária para que o si, por meio da ipseidade, faça esse jogo calculativo das possibilidades visando uma ação resolutive, a escolha do melhor e do justo para o momento em questão e solicitante.

Três conceitos de fundo fenomenológico-hermenêutico próprios da filosofia de Paul Ricoeur estão presentes na sustentação da sabedoria prática: atestação, convicção e reconhecimento. Se a sabedoria prática é a ação específica do si, ela é uma posição baseada na filosofia reflexiva. Do jogo entre mesmidade e ipseidade resulta esta posição do si em sabedoria prática.

É a noção de convicção que expressa a efetivação da atestação no plano do julgamento moral em situação e do trágico da ação, na consideração de que “[...] a sabedoria trágica é capaz de orientar uma sabedoria prática” (Ricoeur, 1991, p. 286). A convicção é o modo pelo qual a atestação se afirma na ação. Na convicção a dimensão da mesmidade se vê no papel de lembrar, de afirmar-se pela memória, mas em ação, tem um horizonte prometido, a promessa, papel da ipseidade, a ser cumprida. Assim sendo, a convicção coloca o jogo dialético entre retrospecto e prospecto diante da ação ética. Assim: “Com a íntima convicção encerra-se o percurso da busca de justiça iniciada com o querer viver em instituições justa e ratificada pela norma de justiça” (Ricoeur, 2008, p. 18). Para César (2013), em seu estudo dedicado à relação entre *práxis* e *phronesis*, faz notar que o anúncio do tema da sabedoria prática estava já presente em *Do texto à ação* (1986), quando Ricoeur relaciona *razão de agir* e *raciocínio prático*. Aliás, seguindo ainda mais retroativamente, é necessário lembrar que em sua tese doutoral, *Philosophie de la volonté*, Ricoeur destinaria um espaço à poética da vontade, porém não desenvolvido. A poética, enquanto função criadora é exemplo da dimensão resolutive da sabedoria prática. Num plano maior, o que é reapropriado é a noção aristotélica de *práxis*.

Na análise de Ricoeur, a *práxis*⁹ de Aristóteles serve por seu escopo teleológico. Ou seja, se a ética anterior é aquela que pensa fundo intenciona-estimativo da ação do homem, uma prática ética pautada na deliberação e na sabedoria prática representa um contributo à ipseidade que reconhece na ação uma unidade narrativa da vida. Ainda mais, infere-se que a ética, que tem por certo a complexidade e centralidade da *práxis*¹⁰, da ação na vida humana, é um elemento que perpassa por todas as abordagens que pensem o homem, haja vista que sua filosofia da ação desemboca numa novidade ontológica¹¹.

Para situar a esfera do conflito no âmbito da sabedoria prática, Ricoeur evocar uma fonte não filosófica, a tragédia. Essa dimensão não filosófica empresta à análise ricoeuriana aquilo que ele denominou de “instrução insólita da ética pelo trágico” (Ricoeur, 1991, p. 283), isto é, o não-filosófico, a sabedoria trágica, cumpre a função de devolver a sabedoria prática ao julgamento moral em situação. Identificam-se, na tragédia grega que tem por tema a ação, elementos próprios do conflito, uma vez que ela é obra dos próprios agentes em sua individualidade, que no caso de Antígona, aparecem como aqueles que se identificam com uma regra particular ficando alheios a todas as outras. Na referida tragédia, Antígona deve sepultar um irmão como cumprimento a uma regra que se sobrepõe à outra regra em questão, a de que este morrera como inimigo do Estado. De outro lado, há Creonte, o governante, a

⁹ Na compreensão da estrutura geral da ética aristotélica reafirma-se uma posição central do sujeito onde *práxis* e *ethos* são esferas de uma constituição ontológica. O mesmo pode ser identificado em Paul Ricoeur, haja vista que *O Si-mesmo* como um outro é concluído com o décimo estudo intitulado «A respeito de que ontologia?». Retornando a Aristóteles, na concepção de Solange Vergnières, esse fundo centrado no sujeito tem sua expressão máxima no «homem excelente» que é aquele reconciliado consigo mesmo, pois encarnou em si uma norma que nenhuma universalidade abarca, aquela da sabedoria prática, pois o que ocorre é que a sabedoria é tida sempre como ação inventiva (Cf. VERGNIÈRES. *Ética e Política em Aristóteles*. Constança Marcondes Cesar (trad.). São Paulo: Paulus, 1998).

¹⁰ Conforme mencionado, o horizonte o qual Paul Ricoeur está fundamentado é o da formulação aristotélica da *práxis* (Cf. RICOEUR. *O si-mesmo com um outro*. Lucy Moreira Cesar (trad.). Campinas: Papirus, 1991, p. 18.). A questão da *práxis* em Aristóteles é fundamental por alguns aspectos. Primeiramente, porque Ricoeur, juntamente com o Estagirita, vê a *práxis* como algo essencialmente *complexo* e tal complexidade expressa-se entre *prática* e *plano de vida*. Justamente, é tarefa da ipseidade no contexto da identidade narrativa, agir entre no jogo destas duas expressões da *práxis*. À toda *prática* estão conexos bem imanescentes que lhe são específicos, uma expressão disso é o que em perspectiva contemporânea foi chamado de *padrões de excelência* por MacIntyre. Os planos de vida, por sua vez, são identificáveis nas práticas. A nosso ver, pesa um fundo intencional, em perspectiva fenomenológica, muito importante, isto é, a unidade narrativa da vida, a posição interpretativa da ego em via-longa, não pode escapar dos planos constitutivos da própria vida da consciência, que quando em ato intencional, posiciona o agir, o responder, o mundo. Ainda mais, os padrões de excelência ligados à noção de bens imanescentes à prática, dão um direcionamento ao reconhecimento do autor pela ação. Ou seja, são assim considerados como «ponto de apoio ao momento reflexivo de estima de si, uma vez que é apreciando nossas ações que nós nos apreciamos, a nós mesmos, como seu autor» (Cf. RICOEUR. *O si-mesmo com um outro*. Lucy Moreira Cesar (trad.). Campinas: Papirus, 1991, p. 208.).

¹¹ Deve ser considerada a posição central do sujeito que engloba *práxis* e *ethos* que culminam numa posição ontológica. Tal perspectiva é aberta no décimo estudo de *O Si-mesmo com um outro*, intitulado: “A respeito de que ontologia?”. (Cf. RICOEUR. *O si-mesmo com um outro*. Lucy Moreira Cesar (trad.). Campinas: Papirus, 1991, pp. 347-414.).

quem pertence o seguimento à norma que visa distinguir amigos e inimigos acima da consideração de qualquer preceito de relação família.

A instrução da tragédia ao âmbito ético faz, portanto, que passemos de uma consideração da deliberação à catarse. O conteúdo do conflito na tessitura da tragédia e modo como Paul Ricoeur o compreende hermeneuticamente revela o fundo fenomenológico da experiência do erro e do conflito, da qual o si funda-se como necessidade de sentido e agir ético.

A convicção é o modo pelo qual a ipseidade em ação ética responde às solicitações conflitantes. Nesse ponto, revela-se a dimensão fenomenológica da vontade que se soma ao plano fundamental das estimativas do sujeito que farão com que ele responda de modo justo. O justo, na sabedoria prática, não é resolução, mas a resposta, isto é, trata-se assim de um modo de «justiça particular ou regional». Exemplos da convicção são, por exemplo as éticas regionais, como a ética médica, onde, do lado médico, a situação a requerer uma sabedoria prática é o sofrimento que pede por tratamento e o pacto que se estabelece entre paciente e médico a fazer valer a justiça; ou ainda a ética no plano judiciário. Da parte do exemplo judiciário, temos o processo que determinará a argumentação e interpretação que levam ao ato decisório do julgamento.

Estes exemplos nos colocam diante do âmbito conflitual na esfera dos planos institucionais. Ainda mais, nos interessa bastante considerar o plano da convicção nos atos, conflitos e decisões que o próprio sujeito toma diariamente na própria vida e que constitui a sua narratividade existencial. Assim, o próprio autor afirma:

Se o plural as éticas ressalta a pluralidade das éticas regionais, é porque a vida cotidiana, antes de qualquer organização das práticas e de qualquer instituição determinada, propõe uma pluralidade de situações empíricas às quais essas práticas e essas instituições correspondem, principalmente o sofrimento e o conflito (Ricoeur, 2008, p. 36).

Considerações Finais

A sabedoria prática no pensamento do filósofo francês acentua sua preocupação com o problema da justiça nas três esferas de sua abordagem ética. Uma vez que com Aristóteles é o *phronimos*, o homem prudente ou o agente da sabedoria prática quem dita a própria regra visando a virtude resolutiva, igualmente no plano da ação narrada e no dinamismo ético da

ipseidade é o si diante do outro e da instituição que deve buscar uma última regra que faça valer a justiça enquanto virtude em esferas determinadas da ação.

A incerteza e a urgência como características do trágico dão à sabedoria prática um modelo de preeminência do justo no plano de uma filosofia prática. Dois pontos, complementares, possibilitam uma conclusão: a sabedoria prática é parte essencial da dimensão ética da ipseidade, isto é, um estudo da hermenêutica ricoeuriana deve, necessariamente terminar numa reflexão sobre a ética ricoeuriana; de outro modo, complementar, nada impede de que a função da sabedoria prática aos moldes ricoeurianos seja um tema isolado a corroborar perspectivas teóricas não estritamente filosóficas, como discussões do Direito, por exemplo.

É importante considerar que é o próprio Ricoeur quem faz da sabedoria prática uma fundamentação reflexiva que se permite ser aplicada em «exercícios» teórico-práticos. Do projeto de uma filosofia da ipseidade onde si-mesmo é tarefa confirmada pela convicção, a ação decorrente de uma identidade narrativa fez notar que ação dada no tempo é um exercício de estimativas que passam pela obrigação moral e geram conflitos.

A sabedoria prática é própria do modo de ser do si que põe-se em relação com o outro nas instituições mediante um juízo de adequação. Tal perspectiva desponta como um horizonte epistemológico em que a postura hermenêutico-fenomenológica resulta numa filosofia prática que põe a prova a ação moral em vertente ética e moral.

Por fim, a sabedoria prática é exercício próprio do si-mesmo que no percurso da via-longa de reconhecimento reconhece-se responsável e sábio, *phronimos*. Uma epistemologia de ordem hermenêutica resulta numa ontologia do homem agente no tempo e responsável. A justiça é tarefa do caminho de reconhecimento do si ao si-mesmo. A dimensão ética da ipseidade encontra na sabedoria prática um modo próprio de agir. A alteridade e o compromisso social e político são constituintes desta dinâmica intencional e pragmática. A via-longa ricoeuriana, só possível, portanto, mediante o compromisso de agir em sabedoria prudencial com capacidade de juízo situacional na estimativa da vida boa com e para os outros.

Ainda mais, para fecharmos remontando ao plano da linguagem, a sabedoria prática como polo da ipseidade através da convicção pode ser considerada como uma proposta poética. O exercício da sabedoria prática anuncia que no plano da convicção a vontade se desdobra em criatividade num tempo específico da sabedoria prática que é o agora

conflitante. A identidade narrativa atinge seu ponto culminante na posição da ação que ressalta a figura indispensável do sujeito como fim no cálculo dos meios. A proposta calculadora de uma sabedoria prática manifesta-se como poética da vontade em ato inventivo que busca assegurar a justiça a si e ao outro e significar a própria identidade. A resposta a *quem* da ação, recondiciona o sujeito ao pleno ato inventivo de si mesmo que por fim terá repercussões no âmbito antropológico e ontológico. O agente da sabedoria prática é então aquele que inventou o melhor para fazer valer o ato originário de reconhecer como aquilo que é.

Referências bibliográficas

CESAR, Constança. M. «Práxis e Phrónesis em Paul Ricoeur». *Ekstasis, revista de fenomenologia e hermenêutica*. 1:2 (2013, pp.58-69).

MEIRELES, Cristina. A. V. «Paul Ricoeur et l’idée d’une affirmation originare». *Revista Contemplação*. 10 (2015) 105-116.

NABERT, Jean. *Éléments pour une Éthique*. Paris: Aubier/Montaigne, 1962.

NASCIMENTO, Claudio Reichert. *Identidade Pessoal em Paul Ricoeur. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo com um outro*. Lucy Moreira Cesar (trad.). Campinas: Papyrus, 1991.

———. *O Justo 2: justiça e verdade e outros estudos*. Ivone C. Benedetti (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

———. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

_____. *A Simbólica do Mal*. Lisboa: Edições 70, 2013.

_____. *Escritos e Conferências I*. Lara Christina de Malimpensa (trad.). São Paulo: Loyola, 2016.

_____. «Epistemologia: entre psicologia e fenomenologia». *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 285-342.

_____. *Philosophie de la volonté*. Paris: Aubier, 1950.

_____. *Escritos e Conferências 2: hermenêutica*. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Loyola, 2011.

STRAWSON, P. F. *Individuos - Ensaio de Metafísica descritiva*. Madrid: Taurus Humanidades, 1989.

SILVA, Bruno. F. Pensar a responsabilidade em Paul Ricoeur: para além da obrigação, uma capacidade». *FRONTISTÈS: Revista de Filosofia e Teologia*. 25:14 (2020) 1-18.

SILVA, Bruno Fleck. (2023) *A ética de Paul Ricoeur: prolongamento hermenêutico do legado husserliano*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Santa Maria. 2023.

VERGNIÈRES, Solange. *Ética e Política em Aristóteles*. Constança Marcondes Cesar (trad.). São Paulo: Paulus, 1998.